

O Povo que Dança

O Brasil à luz da Missão Não Compreendida de Keynes



Desenho realizado por participantes do *workshop* "Que Futuro, Brasil?" na Associação Comunitária Monte Azul em São Paulo no ano de 1997

Dr. Christopher Houghton Budd

æBookstore Brasil

O Povo que Dança
O Brasil à luz da Missão Não Compreendida de Keynes

Autor:
Dr. Christopher Houghton Budd

Nota Editorial

Publicado aqui em português e disponível na aeBookstore Brasil, este artigo também foi publicado em inglês como *Steiner, Dunlop and Keynes – Brothers in World Economy* – disponível em aeBookstore.com.¹ Seu conteúdo é explicado pelo autor de forma mais ampla no livro, *Finance at the Threshold – Rethinking the Real and Financial Economies*.² Os leitores podem também interessar-se por seu livro seminal de 1979, *Prelúdio à Economia – Uma nova abordagem da economia*.³

Tradução conjunta de Xavier Andrillon e Daniel Havro da Silva

Editado por Daniel Havro da Silva

¹ <https://aebookstore.com/publications/chb-collected-works/full-chb-list/steiner-dunlop-and-keynes/>

² <https://www.routledge.com/Finance-at-the-Threshold-Rethinking-the-Real-and-Financial-Economies/Budd/p/book/9781138094628>

³ <https://aebookstore.com/publications/chb-collected-works/full-chb-list/preludio-a-economia/>

Prefácio à Edição Brasileira

Em sua obra *De Vulgari Eloquentia* (1302 a 1305), Dante Alighieri descreve, sob forma de alegoria do evento da construção da Torre de Babel, a hipótese de que a diferenciação da linguagem humana não seria só castigo divino, e sim consequência da divisão e especialização do trabalho. Para o autor, a busca por chegar aos céus via técnica teria demandado uma torre tão alta e complexa que engenheiros, carregadores de pedras, pintores etc. passaram a falar cada qual um idioma próprio.

Curiosamente, o texto afirma que quanto mais elaborada a tarefa, tanto mais rudimentar teria sido o idioma que coube a cada grupo. E tais categorias profissionais aos poucos teriam dado origem a tribos e povos separados por idioma e costumes. Para Dante, esta situação levou à necessidade da criação da gramática a fim de evitar uma divisão ainda maior.

Dr. Houghton Budd traz uma hipótese semelhante para a economia mundial atual, mas talvez em sentido contrário. A de que pode haver uma forma de pensar e atuar micro e macro economicamente que emancipe cada indivíduo ou povo, com suas capacidades e talentos, das circunstâncias externas e internas que o impedem de encontrar sua própria luz, seu próprio lugar na renovada divisão do trabalho de uma economia mundial única. Nesse ínterim, sugere a contabilidade como fundamento, linguagem comum e ferramenta guia para tal auspício.

Esta publicação, por ocasião do bicentenário da declaração simbólica de independência do Brasil, é um convite à uma análise estrutural, histórica e epistemológica que quiçá possa trazer reflexões relevantes para a conjuntura que vivemos como gente brasileira. O Grito do Ipiranga não foi dado em meio a festas e danças de um povo que segue a própria caminhada, sendo marco da transição do controle colonial português para o domínio britânico via balanço de pagamentos. E talvez ainda seja este grito de autoafirmação nacional que nos impeça de ouvir nossa verdadeira música e dançar.

Daniel Havro da Silva – Editor
Curitiba, 07 de setembro de 2022

Prefácio do Autor

Este artigo agora publicado é a transcrição de uma palestra dada no Brasil em 2012 no Espaço Cultural Rudolf Steiner, em São Paulo. Por que publicá-lo agora, dez anos depois? Daniel Dunlop, um dos primeiros defensores da economia associativa, diria: por causa do *timing*. O momento em que se fala pode não ser o momento em que se é ouvido - nem na terra nem no céu, quer por seres humanos ou por deuses. O *timing* também é uma questão de alinhamento. É preciso encontrar o momento em que tudo esteja alinhado.

Talvez 2022 seja um desses momentos, pelo menos no que diz respeito ao tema desta publicação. Estamos no 100º ano desde que Rudolf Steiner e Maynard Keynes, que nunca se encontraram, formularam suas ideias seminais sobre como superar nossa dependência em relação ao padrão ouro - um desafio que ainda enfrentamos. Nas palavras de Keynes, no que diz respeito à vida econômica, como poderemos nos tornar "deliberados e científicos"? Na frase de Steiner, através da "formação de uma verdadeira ciência da economia".

Há outra razão do porquê agora, a saber, testar uma tese que eu levo muito a sério, mas para a qual ainda não tenho evidências concretas. Ou seja, que se possa olhar para um país como o Brasil em busca de um novo começo. Não um paradigma retrabalhado da Europa, como Portugal, é claro, mas também não mais da Grã-Bretanha, nem de Washington. Mas um que emerge do próprio destino do Brasil.

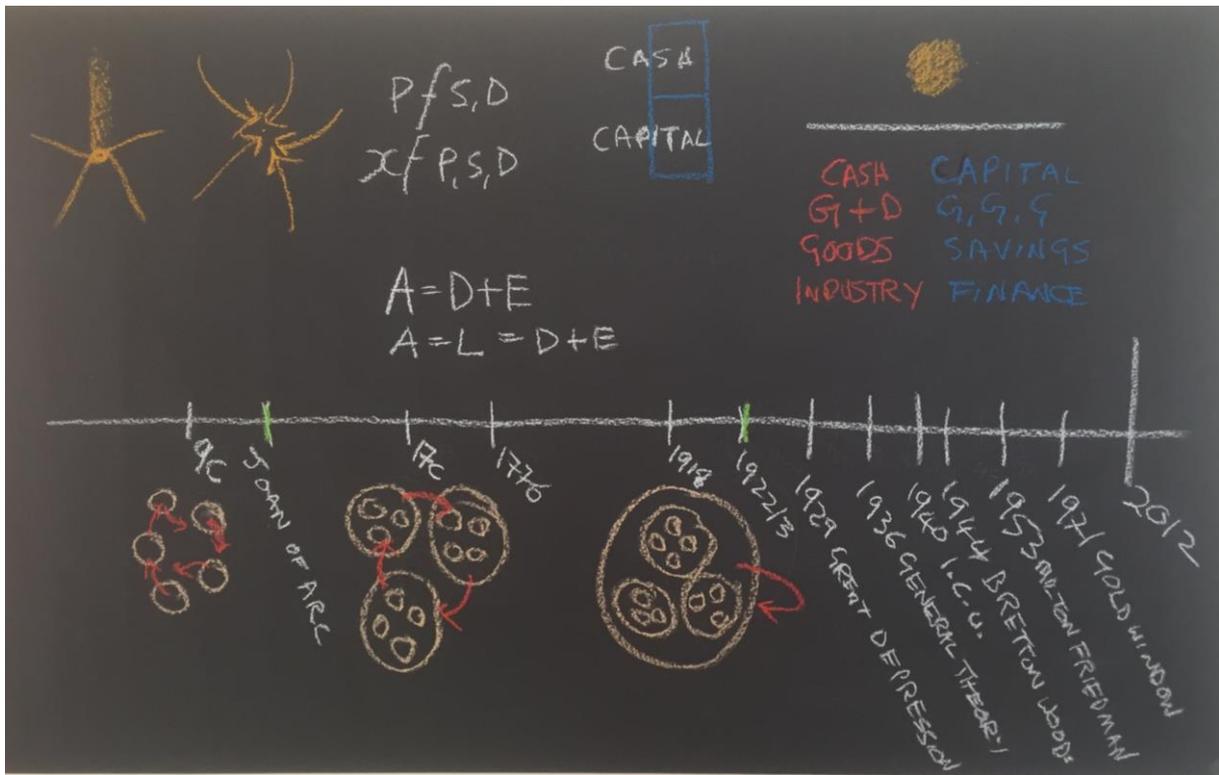
Não faço ideia de como isso seria, ou mesmo se isso é possível. Mas coloco aqui a primeira pergunta feita em 1997 - Que Futuro Brasil? - porque, por assim dizer, poderia ser um caso de "sorte de terceira tentativa"! Repito a pergunta através deste texto, porque a história que ele traz e o argumento que apresento não se alteraram ao longo de 25 anos. Isto pode ser porque eu sou um caso de teimosia recorde, mas os fundamentos que ele abrange mapeiam os desafios históricos, epistemológicos e técnicos que ainda estão conosco. A formulação que faço deles pode ser falha em alguns detalhes, mas penso que é bastante fiel aos fatos. Meu objetivo em todas as três ocasiões é desconstruir as influências externas que informam a vida econômica brasileira até hoje, para que essas influências não os ceguem para sua própria descrição da contribuição que o Brasil pode fazer uma vez que abandone a noção de ser uma economia nacional, para a qual, como qualquer outra nação, tem que deixar claro para si e para o resto do mundo qual é sua 'luz' particular.

Publicado por ocasião do 200º aniversário da independência do Brasil, o artigo tem dois temas principais. Ele indaga como seria o mundo se, após a Primeira Guerra Mundial, o Império Britânico tivesse dado lugar a uma comunidade mundial de todas as nações, em vez de se dividir em Oriente e Ocidente, capitalismo e comunismo.

Em segundo lugar, ele se pergunta como o Brasil em particular poderia ter sido, e ainda poderia ser, em tal contexto - um país extremamente importante colaborando com, em vez de competir contra todos os outros países. Encontraria ele então uma identidade de maneira que não esteja mais preso à falsa dicotomia atual entre direita e esquerda?

O Brasil não está sozinho nos desdobramentos do mundo de hoje. Mas estes desdobramentos nos levam de volta ao início da década de 1920. Só precisamos voltar até lá e começar de novo, e a paisagem em que nos encontramos seria muito diferente. Mais esperançosa. O Brasil, junto à cada outro país, pode ainda identificar sua verdadeira luz e brilhar como uma estrela entre estrelas na constelação que algo como uma comunidade de países representaria.

Dr. Christopher Houghton Budd
São Paulo, 28 de Agosto de 2022



O Povo que Dança

O Brasil à luz da Missão Não Compreendida de Keynes⁴

9 de março de 2012

São Paulo, Brasil

Introdução

A ideia hoje é compartilhar algumas reflexões sobre a situação global atual. Para começar, trarei uma ampla imagem histórica chegando até 2012 e, no processo, perguntarei: O que isso tem a ver com o Brasil?

Quando cheguei ao Brasil pela primeira vez em 1997, estava aqui há apenas seis horas e já estava dando uma palestra com o tema “Que futuro, Brasil?”. Para mim, o tema em inglês (*What Future Brazil?*) era muito sutil. O que eu queria saber, como economista inglês, era o que *o próprio* Brasil pensava que seria seu futuro. Não caberia a mim dizer ao próprio Brasil qual seria o seu futuro.

Eu fiz isso porque estou bem ciente de que a maneira como as coisas estão organizadas no mundo vem de nós, os ingleses. Entendo que isto vem acontecendo, mas não creio que seja uma base válida para o futuro. Portanto, vou revisitar as ideias que foram desenvolvidas naquela época (1997) para, com vocês, sentir o que é o futuro do Brasil. E a maneira de sentir isso é ver o que vocês me dizem e como vocês reagem ao que eu vou dizer. Primeiro, apresentarei algum material que fornecerá um pano de fundo para o que será apresentado no decorrer do dia.

Em relação ao desenho, esta é a linha da história e ao longo desta linha quero apresentar os principais eventos. Começarei com a história da vida econômica a partir da perspectiva de Rudolf Steiner usando a cor amarelo. Esta é uma maneira de mostrar que até aquele ponto, 1918, explicarei o que é a vida econômica moderna de acordo com Rudolf Steiner. Não é importante que

⁴ Nota dos tradutores. A tradução literal do subtítulo original seria “O Brasil à luz da Missão Não Dita de Keynes”.

vocês concordem com o que estou dizendo. O mais importante é que vocês sintam se o que Rudolf Steiner diz (na medida em que sou capaz de representá-lo) tem algum poder explicativo.

Rudolf Steiner diz que ao se voltar ao século IX, se vê naquele período, na Europa, que a vida econômica era formada por várias economias privadas: pode-se imaginar um senhor feudal com seus vassalos, seu próprio exército e sua própria moeda. Naquela época, se tem o que Rudolf Steiner chama de várias “economias privadas”. E há centenas desses senhores feudais, seus vassalos e exércitos. O que Rudolf Steiner pontua é que estas não podem ser economias fechadas; elas têm que interagir, realizar transações com outras economias privadas. Então, gradualmente, essas economias privadas começam a interagir e criar o que surgiu no século XVII como economias nacionais. Um país como a França, por exemplo, é formado por várias economias privadas combinadas na economia nacional da França. Isto tem a ver com o desenvolvimento das nações na história humana. Se lermos o livro de Adam Smith⁵, ele fala da riqueza das nações. Estas economias nacionais sempre interagem, economicamente falando, com as economias de outras nações. Este comércio entre nações faz com que elas convirjam em uma economia mundial única. Esta é a condição primária no início do século XX. A pergunta então se torna: com quem esta economia mundial comercializa?

O ponto de vista de Rudolf Steiner é que, como não há mais alguém com quem a economia mundial possa fazer negócios, tudo o que pensamos em termos de técnicas, estruturas de pensamento, acordos com o exterior – por exemplo, o balanço de pagamentos – tudo desaparece. E não é mais possível, tecnicamente falando, continuar com o pensamento que estava por trás de tudo isso. Como consequência, não há mais como continuar o movimento de fazer negócios com outra economia. Isto metamorfoseia-se para uma dinâmica interna. Discutiremos isto mais tarde.

Pergunta: O que acontece com o balanço de pagamentos?

Isto desaparece em três tipos de dinheiro. Isto é algo muito concreto: o balanço de pagamentos entre nações não pode mais existir. Existe uma única economia mundial e, dentro dela, o conceito de uma moeda única, mas dividida em três tipos de dinheiro.

Isto nos leva a um momento chave, que é o Tratado de Versalhes, assinado logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, quando a técnica de uma economia global já estava em vigor. Isto funcionou através do padrão-ouro, que era uma moeda universal. Começou quando a Grã-Bretanha, a primeira potência da economia mundial, definiu sua moeda através do padrão-ouro e todas as outras nações também o tomaram como referência. No início da Primeira Guerra Mundial, a relação entre o dólar americano e a libra esterlina era de 4,86:1. Mas com a Primeira Guerra Mundial, este arranjo sofreu um colapso súbito. E então o futuro da economia mundial começou com o Tratado de Versalhes.

Este Tratado é muito importante. Através dele, a “paz” foi decidida entre os Aliados e os alemães. Este tratado não foi justo e através dele, um princípio não verdadeiro foi introduzido na economia. Isto veio através do presidente americano Woodrow Wilson – o princípio da autodeterminação nacional. Naquele momento, o que deveria ter acontecido é que cada nação, cada povo, como o povo brasileiro, tivesse que encontrar sua identidade em outro lugar que não em sua economia. É preciso fazer a si mesmo esta pergunta: o que o povo brasileiro pode trazer para a economia mundial que nenhum outro povo pode trazer? A resposta a isso não é produzir Coca-Cola mais barata do que a Argentina ou vender suas florestas a um preço mais barato do que os indonésios vendem as deles. Não é ter sua própria fonte de petróleo. Isto não é peculiar ao Brasil. Voltaremos a isto, mas é uma questão muito importante: em uma economia global, como cada nação identifica a si própria?

⁵ Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações, 1776.

1923 – 1946

Gostaria agora de esboçar o que Rudolf Steiner diz que *já está* acontecendo, mesmo que não estejamos tão cientes disso. Em 1922, enquanto Steiner deu suas palestras sobre economia,⁶ que agora estou ilustrando, na Inglaterra um economista chamado Maynard Keynes escreveu um livro chamado *A Tract on Monetary Reform* (Um Tratado sobre a Reforma Monetária).⁷ Este é um livro que se encontra tocando um mesmo contexto, mas com o olhar em direção distinta⁸, que as palestras de Steiner, então eu gostaria de continuar minha história usando os termos de Keynes, contando-a a partir de seu ponto de vista. Vou descrever apenas os principais degraus desse caminho. Caso vocês não conheçam bem Keynes, vou fazer algumas observações sobre ele.

Keynes nasceu antes do final do século XIX (no ano da morte de Karl Marx) e faleceu em 1946. Ele foi um economista muito significativo em termos teóricos, mas o mais importante foi ter sido o grande arquiteto da vasta maioria do século XX. Ele tinha uma biografia muito particular, um destino particular: acompanhar e trazer valiosos *insights* para a primeira metade do século XX.

Já em 1919, ele estava em Versalhes e fazia parte do grupo de pessoas que redigiram o Tratado de Versalhes. Estava então com Woodrow Wilson, o presidente americano, David Lloyd George, o primeiro-ministro inglês, Georges Clémenceau, o primeiro-ministro francês, e o presidente italiano, Vittorio Orlando. Estes quatro presidentes estavam presentes para discutir o que fazer com a Alemanha, à qual atribuíram a responsabilidade pela guerra. Eles calcularam o quanto ela deveria pagar pelo custo da guerra. Durante estas negociações, Keynes escreveu um livro e, para escrevê-lo, renunciou às suas funções no governo britânico. Porque, disse ele, toda esta maneira de abordar as coisas era injusta e a quantia de dinheiro que os Aliados queriam pedir à Alemanha era totalmente impossível de pagar. Isto arruinaria a Alemanha. Este é um pequeno livro chamado *The Economic Consequences of the Peace*⁹ (As Consequências Econômicas da Paz). Keynes calculou o quanto poderia ser exigido da Alemanha, sem arruiná-la.

Em 1929, os “Aliados” já tinham reconhecido que ele estava certo. Através dos planos desenvolvidos por Dawes e Young, as reparações diminuíram gradualmente até atingirem o nível recomendado por Keynes, mas naquela época a Alemanha já estava completamente quebrada.



Em 1922, Keynes descreveu, ao mesmo tempo que Rudolf Steiner, que não se podia continuar com o padrão-ouro. “Temos que mudar isso”. Em vez de ter um único país que controla o padrão-ouro através de todas as outras moedas usando-o como referência, todas as nações devem ser tão importantes quanto as outras. Elas devem trabalhar de tal forma que este ponto fixo se torne um ponto móvel.¹⁰

Esta (ao lado) é a minha imagem do que Keynes descreveu. Significa, em termos geopolíticos, que um passo deve ser dado da economia controlada pela Inglaterra para um quadro no qual a situação global deva se tornar uma parceria entre todas as nações do mundo. Chamo isso de “a missão não dita de Keynes”; era isso que ele queria trazer ao mundo. Na verdade, isto ainda é possível, mas a resposta imediata naquela época foi totalmente diferente. A resposta dos americanos foi: “Pode ser que a Inglaterra não possa mais controlar o mundo e criar parcerias com todos os seus domínios,

⁶ *Economia Viva – O Mundo Como Organismo Econômico Único*, Rudolf Steiner, Editora Antroposófica, São Paulo, 2018 [1922]. (GA 340)

⁷ *A Tract on Monetary Reform*, J M Keynes, Macmillan, Londres 1923.

⁸ Nota dos tradutores. No original o palestrante usa a expressão “*sits back-to-back-with*” que traz a imagem de uma posição “costas-com-costas”.

⁹ *The Economic Consequences of the Peace*, J M Keynes, Macmillan, Londres 1919.

¹⁰ “o ponto sobre o qual as trocas flutuam, e no qual elas devem finalmente descansar ... não é em si um ponto fixo”. *A Tract on Monetary Reform*. op. cit., p.89.

todas as suas colônias, mas o que acontecerá agora é que o dólar assumirá o controle do ouro e os Estados Unidos tomarão o controle da economia mundial como a economia mais poderosa.” E assim, passamos de um ponto fixo diretamente para outro.

Se tivermos uma noção disso, podemos olhar para a economia atual comparando o que poderia ter acontecido com o que realmente aconteceu e ter a sensação de que o que poderia ter acontecido está acontecendo agora. Mencionarei alguns eventos-chave na história da economia mundial dos quais Keynes participou e para os quais ele foi um arquiteto de soluções. A condução da economia mundial após a Primeira Guerra Mundial levou a economia mundial à Grande Depressão. E a Grande Depressão teve consequências. Como podem ser resolvidos tais problemas econômicos? Até então, o papel do governo não era o de resolver esses problemas. Então, Keynes disse em seu livro *A Teoria Geral (The General Theory)*¹¹, sobre desemprego e juros, que a única maneira de resolver este problema seria os governos criarem demanda. Conforme a história, o ponto principal deste livro foi que temos que usar os governos deliberadamente para criar demanda na economia. Isto é chamado de keynesianismo. No início as pessoas eram contra a ideia, mas depois de alguns anos ela se tornou a política da maioria dos governos ocidentais. É clássico que bem depois de sua concepção, as ideias de Keynes se tornaram política econômica. Da mesma forma que ele tinha uma visão sobre as reparações e mais tarde se tornou política econômica. Tarde demais, talvez, mas se tornou política econômica.

Agora chegamos em 1940, à Segunda Guerra Mundial. Naquela época, tivemos outro problema: os mercados de capitais globais começaram a viver de forma independente. Keynes disse que se os mercados de capitais tivessem uma vida própria, eles freariam a economia real.¹² Então ele desenvolveu a União Internacional de Compensação (*International Clearing Union*). A ideia é que se existe comércio entre países, quando um deles está em déficit, paga juros como incentivo a voltar a um saldo positivo. Isto é normal. Se alguém tem dívidas, tem que pagar juros para encorajá-lo a sair da dívida. Entretanto, os saldos credores normalmente não têm tais restrições.

Keynes disse: “Não, não faremos isso: introduziremos um montante de crédito além do qual se será penalizado.” Portanto, se você tivesse muito crédito, teria que pagar juros também. A ideia de “penalizar” aqueles que têm crédito em excesso, era fazer com que os saldos entre as nações fossem zerados. Através deste acordo, controla-se os mercados de capitais sem regulamentação. Usa-se uma moeda internacional, o Bancor, e cria-se um fluxo de renda através desses juros, com os quais se pode pagar por crises humanitárias. Isso significa que não se precisa das Nações Unidas. Precisa-se de países que comerciam a um balanço zero, e ao fazer isso cria-se um excedente global que pode ser usado para tudo o que pertence ao planeta como um todo. Ao fazer isso, estabiliza-se os mercados de capitais. Isso foi em 1940 e em 2012 ainda temos este problema.

Vou lhes dar a vocês um último *insight* de como Keynes via a economia. Naquela época, a Conferência de Bretton Woods nos Estados Unidos, no final da Segunda Guerra Mundial, tratou de como organizar a economia mundial após a Guerra. Isto aconteceu em 1990 e a ideia de Keynes foi: Em uma economia global, é preciso imaginar a liquidez global e ter uma forma de perceber e organizar onde a liquidez é necessária na economia em geral. Esta é a questão do capital global e de como ele deve ser alocado.

¹¹ *General Theory of Employment, Interest and Money* (A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda), J M Keynes, Macmillan, Londres 1936.

¹² Segundo Keynes “[chegará o dia em que] os fundos perdidos poderão varrer o mundo desorganizando todos os negócios estáveis. Nada é mais certo do que o movimento de fundos de capital deve ser regulado.” Em “*Post-War Currency Policy*”, um memorando do Tesouro britânico datado de setembro de 1941, reimpresso em Moggridge 1980:31. Segundo Rudolf Steiner, “a emancipação do mercado monetário do mercado de mercadorias, datando aproximadamente do período de 1810 a 1815.” Em “*The Abstract Nature of Modern Economic Life*”, em *Rudolf Steiner, Economist*, New Economy Publications, Canterbury, Inglaterra 1996. Disponível em www.aebookstore.com

Para Keynes, é necessário um Fundo para organizar o capital mundial e um Banco para administrar a liquidez global. Estes são os órgãos gêmeos de uma economia global. Na verdade, sua proposta era muito semelhante à do americano Harry Dexter White. Mas o que aconteceu não era o que Keynes tinha em mente. O que ele tinha em mente era uma parceria global, com ninguém atrelado ao ouro. Não era mais necessário usar o ouro porque depois do fim da Primeira Guerra Mundial não havia uma economia que governasse o mundo. Precisamos de dois organismos para *perceber* o capital e *perceber* a liquidez. O primeiro é um fundo e o segundo é um banco. O que aconteceu é que o primeiro se tornou o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, agora conhecido como Banco Mundial. E o que deveria ter sido um banco tornou-se um fundo, o Fundo Monetário Internacional. Pior, se olharmos para o FMI, podemos contar 190 membros, mas se os EUA não concordarem, nada acontece. O FMI também não se move ao redor do mundo. Ele está em Washington com o Banco Mundial do outro lado da rua.

Depois disso, e talvez por causa disso, por causa da recusa de sua proposta, alguns dizem que Keynes morreu com o coração partido. Ele morreu em 1946, após o que, obviamente, ele não pôde fazer nada. Mas a questão é: sobrou alguma coisa para ele fazer? Não precisamos apenas desembranhar tudo isso e começar do zero?

Agora, vou colocar um fim nessa história externa e continuarei contando outra... tão estranha quanto verdadeira.

A mais estranha das histórias

Em julho de 1991, um homem idoso veio me visitar na Inglaterra. Ele veio da Alemanha e morreu cerca de um ano depois. Não vou contar todos os detalhes, mas ele veio à minha casa e disse: “Estou vindo para contar aos ingleses algo sobre Maynard Keynes que os ingleses têm que saber.” Isto trouxe toda uma discussão que me mostrou claramente que este homem tinha uma conexão real com Keynes. Eu disse: “Bem, é um pouco inconveniente você me visitar hoje, porque eu tenho que sair com meu filho pequeno.” Mas, por coincidência, naquele dia eu tinha decidido visitar a casa ao lado de onde Keynes morava. Keynes fazia parte do grupo “Bloomsbury”, um grupo de escritores, artistas e poetas. Eles tinham uma casa chamada Charleston em Sussex. Keynes tinha um quarto naquela casa onde escreveu seu livro *As Consequências Econômicas da Paz*, depois do qual alugou a casa vizinha. A primeira casa havia sido transformada em um grande museu e eu estava indo para lá com meu filho e nossa babá (*au pair*). Eu disse ao homem alemão que se ele quisesse, ele poderia ir conosco naquela excursão e visitar a casa de Keynes antes de morrer (ele tinha 88 anos). Ele estava muito feliz. Então, chegamos e estacionamos o carro do lado de fora, pois é uma casa particular.

Acima daquela casa há uma colina onde Keynes ia se inspirar. E aquele velho alemão, temos que lembrar que estávamos no meio do verão, subiu a colina. Eu disse que não o acompanharia, já que meu filho tinha apenas um ano de idade. Ele desapareceu e voltou quase uma hora depois e disse: “É verdade.” E eu perguntei: “O que é verdade?”

Para entender isto, temos que voltar a Joana d'Arc, a santa padroeira da França no século XIV, uma menina que, como descrito por Rudolf Steiner, ouviu vozes que lhe deram seu propósito na história – isto é, separar a Inglaterra da França para sempre.

Antes disso, não havia nações e a “Inglaterra” ocupava uma grande parte da “França”. Rudolf Steiner diz que a missão de Joana D'Arc era separar para sempre a Inglaterra da França, para que a atenção dos britânicos pudesse ser retirada da Europa, do Continente, e pudesse ser alocada para todo o mundo, a fim de criar o que se tornou uma economia proto-global, o Império Britânico.

Este senhor disse que o que “é verdade” é que Keynes parece então separar os ingleses de si mesmos, por assim dizer. Para evitar que os ingleses continuem seu próprio império e se tornem os arquitetos ou proponentes de uma parceria global entre todas as nações do mundo, uma parceria criada a partir do Império Britânico, mas que os ingleses teriam que parar de usar para seus próprios interesses. Este homem disse então que esta era a missão de Maynard Keynes.

Tanto quanto eu sei, Keynes nunca disse nada parecido.¹³ Sua casa acabou sendo arrendada por seu biógrafo, Lord Skidelsky, que eu conheci posteriormente. Tive contato com ele algum tempo depois e, quando lhe contei a história, ele disse: “Não tenho provas disso, mas gostaria de ter tido essa ideia”.

Algumas perguntas

Na segunda parte da manhã, os participantes fizeram perguntas, que serviram como representantes da experiência brasileira. As respostas foram em verdade uma elaboração da palestra da manhã.

Você pode prever o papel da China nesta forma de prever a economia?

Como você vê ideias de crescimento zero?

Gostaria de entender como nesta economia global, onde cada nação tem uma missão, não cairíamos em desequilíbrio.

Como regularizar os fluxos de capital, que às vezes têm sido muito rápidos entre um país e outro.

Como administrar o ego ou a política das pessoas no poder em relação ao que deve ser feito.

Como entender os aspectos de luz e sombra do dinheiro?

O que é o futuro? Como você vê o que pode acontecer com os mercados de capitais?

Qual é o papel do financiamento de grandes empresas, nas quais as pessoas investem em fundos?

Qual é o futuro do mercado de capitais?

Quais mecanismos existem para dissociar finanças e poder?

Qual é o futuro do capitalismo?

Como você vê o Brasil sob as diretrizes do FMI e as diretrizes pós-FMI?

Gostaria de entender a diferença entre Fundo e Banco que o senhor apontou e qual é a distinção que Keynes fez?

Você disse que há uma diferença entre o que deveria ter acontecido e o que realmente aconteceu. Qual é o peso da política nestes episódios?

¹³ Posteriormente descobri algo diferente. CHB 2022.

A questão da governança global e do meio ambiente ou da sustentabilidade. Se o caminho é o de fortalecer a ONU ou a política local.

Será que as empresas têm uma visão de “crescer para não morrer” (para não ser engolidas)? E outra pergunta: Existe esperança?

O que poderia ser feito para evitar novas crises?

Como funcionará no futuro a doação de dinheiro da perspectiva da organização trimembrada da sociedade, tendo em vista que o mundo de hoje fala muito sobre sustentabilidade focada no terceiro setor?

Como o senhor vê o papel da tecnologia como um instrumento de mudança?

Ouvindo muito sobre economia, uma nova consciência é gerada a partir de tudo isso. Como podemos colocar em prática essa consciência que está surgindo em nós mesmos? Como reduzir o egoísmo?

Como posso contribuir para todas as coisas que você tem mostrado? Qual é o meu papel?

A necessidade de um entendimento claro

Precisamos encontrar uma maneira de trabalhar com estas perguntas que nos permita conversar e não apenas parecer que estou respondendo a perguntas. Isto não é tão fácil em um *workshop* como este. Muitas coisas dependem da epistemologia. Ou seja, a forma como entendemos os eventos mundiais é fundamental se quisermos entendê-los corretamente. Muitas de suas perguntas têm a ver com a forma como entendemos os eventos globais, então a primeira coisa que precisamos verificar é se nossos pensamentos sobre os eventos são verdadeiros. Isto nos levará em duas direções diferentes. Em primeiro lugar, em relação ao arcabouço que temos ao interpretar os eventos. Ele está de acordo com a realidade? Por exemplo, há realmente três setores? A outra direção tem a ver com nossa vida volitiva. Toda questão que tem a ver com o fluxo de caixa, por exemplo, depende muito de como nos comportamos com respeito ao dinheiro. A maneira como explicamos os eventos para nós mesmos muitas vezes nos impede de ver a maneira como nos relacionamos com o dinheiro. O principal problema que temos, portanto, é epistemológico.

Várias pessoas fizeram perguntas relacionadas à conscientização e à crise. Podemos encontrar uma maneira de administrar esta vida econômica que não nos obrigue a atravessar crise após crise? Penso que a resposta a isso é simples. Uma crise no mercado, por exemplo, é uma crise na epistemologia (nossa maneira de pensar). Por exemplo, dizemos que existe uma crise nos mercados financeiros, mas onde estão esses mercados? Temos uma ideia de que temos uma crise nos mercados financeiros, mas onde eles estão, o que são? Não quero ser rude, mas quem aqui sabe o que é um mercado financeiro? Poderíamos ir ao mercado de alimentos de Santo Amaro. Há um prédio, pessoas, bens. No final do dia, todos saem e tudo está vazio. Mas o que é um mercado financeiro? Quem já foi a um mercado financeiro?

(Um participante diz que ele esteve em um “pregão, mas que agora tudo se tornou eletrônico.)

Ainda assim, o problema é que estamos sempre trabalhando com pensamentos abstratos, que são sempre plausíveis. Mas será que eles nos ajudam a entender alguma coisa? Caso contrário, não seremos capazes de criar uma relação com este vasto mundo.

A palavra “crise” em grego, se me lembro corretamente, significa chegar ao ponto em que se começa a entender algo. Uma crise financeira, por exemplo, em particular a atual crise financeira,

não é uma crise financeira. É uma crise em nossa compreensão das finanças. Uma crise financeira é um evento epistemológico, não é um evento financeiro: depende da maneira como pensamos sobre as finanças. E se a maneira como pensamos sobre finanças vem de uma abstração e não está conectada à nossa vida volitiva, então ficamos apartados da realidade.

Quanto à questão de como sair desta economia que vai de crise em crise, em parte, isso tem a ver com revisitar a forma como entendemos a questão econômica. Vou tentar dar um exemplo muito concreto. Este é um exemplo de como entender que algumas coisas que pensamos que deveriam vir ao mundo já estão, de fato, no mundo. É a linguagem que usamos que muitas vezes nos impede de ver que as coisas já estão no mundo.

Considere a questão de três setores. É uma ideia muito poderosa que existem três setores, mas na minha opinião não há nada que possa ser chamado de setor, muito menos três setores. Portanto, temos um problema dos tempos atuais. Pode-se ter um pensamento da vida econômica que leve ao desenvolvimento de políticas e instituições que sejam fictícias. Isto é epistemologia, tal qual ela se transforma em ontologia – a forma como nos comportamos. Existem três setores? Quem disse que eles existem? Onde estão as evidências?¹⁴

Quando começamos a ter uma economia global única, porque não há entidade externa com a qual se possa fazer negócios, todas as políticas, todos os arranjos, todos os pensamentos que se baseiam na ideia de que há uma entidade externa, não funcionam mais. Nesta perspectiva, onde existe apenas uma economia no mundo e ela não faz negócios com nenhuma outra economia, não há balanço de pagamentos.

Se continuarmos a dizer que existe um balanço de pagamentos, estaremos nos iludindo. Dizemos isto porque acreditamos que a economia mundial é formada por várias economias separadas – que é a forma como a economia “brasileira” é concebida. Mas não há nenhuma economia brasileira na minha imagem. Não há petróleo que pertença ao Brasil. Há petróleo ao redor do mundo todo. Ele deve ser administrado através de um tipo de comissão que gerencie os recursos comuns à humanidade. Alguns recursos estão no subsolo do Brasil, alguns recursos, se diz que pertencem ao Brasil porque estão a menos de 200 milhas de suas costas, de acordo com as leis marítimas. Mas isto não pertence realmente ao Brasil. Um exemplo simples como este pode perturbá-los. Isso significa que sua empresa petrolífera, a Petrobrás, não existe de fato. Estamos numa situação em que a forma como organizamos as coisas é uma completa ilusão.

Se seguirmos a lógica de finanças, não há fronteira conhecida como as fronteiras do Brasil. O problema com a atual crise financeira é que o pensamento ligado às economias nacionais já era anacrônico há cem anos e o é ainda mais hoje. Os mercados financeiros não reconhecem fronteiras nacionais.

Estou dando exemplos macro. Espero que vocês tenham a sensação: “Do que ele está falando?”, porque isso vai começar a mover seu pensar. Não estou aqui apenas para compartilhar uma visão ou explicar como eu vejo o mundo. Eu quero que vocês sintam algo em seu estômago: A Petrobrás não existe. Portanto, ela não pode fazer propaganda em carros de corrida de Fórmula 1, não pode influenciar os mercados, não pode ser uma organização estatal, porque ela não existe. O que existe é o petróleo geologicamente ligado a um país chamado Brasil.

Não sei se isto está criando uma experiência de “Do que ele está falando?”. Estou usando o caso do petróleo por uma razão específica. Na época do Tratado de Versalhes, os aliados vitoriosos criaram linhas vermelhas no deserto. E usando o princípio da autodeterminação dos povos, o

¹⁴ Vale a pena considerar como a ideia de três setores e, com isso, três mundos, rouba a cena da imagem de três esferas de Rudolf Steiner.

xeique, que era o líder tribal daquele povo naquela época no que agora é o “Kuwait”, de repente se tornou o líder de um país. Não há nenhum país que seja o Kuwait. Isso é uma parte do deserto árabe alocada pelos franceses, ingleses, americanos. Através de Versalhes, os recursos do deserto árabe foram alocados aos países, que são realmente xeicados, mas na verdade pertencem às maiores companhias petrolíferas do mundo. Vejam a história dessas empresas ao longo do século XX, estudem o livro *As Sete Irmãs*, escrito por Antony Sampson.¹⁵ Ele é um jornalista e descreve nesse livro como os desertos foram divididos pelos ocidentais, com a base fictícia de criar países que não são países, mas apenas os reinos dos xeiques que eles favoreceram. O petróleo foi atribuído pelo Ocidente a estas sete grandes empresas. Quando ele o descreve com muita precisão, ele continua dizendo que o que deveria ter acontecido era algo mais. O que deveria ter acontecido naquele momento é uma organização global que inventariaria todo o petróleo do mundo e então começaria a ter um senso de que tudo isto é o petróleo do mundo, da humanidade, e deveria ser distribuído como tal.¹⁶

Estou dando este exemplo como uma ilustração específica de um problema atual. Quando se é um observador preciso, isto é, quando se conecta os pensamentos e a vontade com os fatos, então se começa a perceber algo que deveria estar no lugar. Se imaginássemos como poderia ser esta situação depois de quase um século, se tivéssemos organizado o petróleo do mundo com base nisso, o que seria a Petrobrás? Será que precisaríamos de uma Rio+20? Uma Rio 1992? Teríamos uma crise de pico do petróleo? A China estaria tentando capturar petróleo? O Ocidente estaria no Afeganistão tentando impedir que isso aconteça? Saddam Hussein teria sido executado porque ele vendeu “seu” petróleo em euros? Estou lançando várias coisas através deste exemplo, para que se tenha uma noção de como se pode ver a evolução do mundo. Se alguém engajar seus pensamentos e sua vontade e através disto se aproximar dos fatos, pode começar a sentir o que já está no mundo, e então pode ver sua distorção. Mas também a sua direção mais verdadeira.

Isto perfaz uma imagem estranha. Essa seria a verdadeira história da humanidade, a verdadeira evolução da vida econômica, mas com um falso paralelo. Então pode-se perguntar, o que deveria estar acontecendo no mundo. E então se pode entender o que *está* acontecendo no mundo.

O que quero dizer é que caso se entendesse a ideia do petróleo do mundo e qual é a natureza do problema, não se enxergaria uma empresa como a Petrobrás como uma empresa nacional do Brasil, mas como o alocador do petróleo mundial no Brasil. E não se teria exportações. O petróleo que sai do Brasil graças à Petrobrás não é uma exportação do Brasil. Não é algo que se possa usar para chantagear o resto do mundo, não é um recurso que se possa usar para ignorar seus problemas internos, ou resolver esses problemas de uma maneira falsa, como faz Hugo Chávez na Venezuela.

Espero que vocês entendam o que estou dizendo – existe o mundo como pensamos que o entendemos, e existe o mundo real, que pode ser sentido, e então visto. Não é que um dia a sociedade será trimembrada e a economia um único assunto global; isto já é o caso.

Para além da Geopolítica

Agora vou dizer algo estranho: caso se siga esse caminho, um problema principal que se encontrará tem duas dimensões. Em primeiro lugar, uma dimensão externa. Caso se esteja em um mundo profissional que lida com estas questões, as pessoas dirão que se está mudando a estrutura política do mundo. Se está mexendo com os arranjos de poder que governam o mundo e que são projetados de uma maneira muito precisa. É preciso saber disto porque toca em temas geopolíticos.

¹⁵ Sampson, Antony. *Seven Sisters: The Great Oil Companies and the World they made*. 1974.

¹⁶ É interessante que Sampson descreve tudo isso, mas ele nunca se refere à Conferência Mundial de Energia ou ao trabalho de inventário global de David Dunlop, cujo legado ainda existe na forma do Conselho Mundial de Energia em Londres.

Por outro lado, é preciso encontrar um lugar que não esteja ligado à geopolítica. Isso não é tão fácil. Pode parecer estranho o que estou falando, mas uma das perguntas que foi feita é como lidar com o egoísmo na vida econômica moderna. Todos os exemplos que eu dei devem ajudar na sua compreensão desta questão. A construção geopolítica de hoje é um grande apelo ao egoísmo. Minha experiência nestas situações, por exemplo, é que quando se toca em uma questão como as instituições humanitárias internacionais, as pessoas dirão que se está mudando a base do poder. Apenas dizer que o Banco e o Fundo são coisas diferentes pode ser uma questão técnica simples para alguém dentro desta sala, mas dentro do FMI isso seria muito alarmante. As pessoas dirão: Você está desafiando a geopolítica do mundo.

Portanto, é preciso encontrar dentro de si um lugar no qual não se seja afetado por isto. Quando se começa a falar sobre estas coisas, a primeira reação das pessoas é dizer: “Mas então quem vai governar o mundo?”. Minha resposta é sempre: “O que é geopolítica? Por que você trouxe isto à tona? Eu não mencionei isso?”. A única coisa que eu disse foi: Por que você os chama de Banco e Fundo? Esta é uma pergunta epistemológica.

Estou dando esse exemplo para mostrar que a nível epistemológico se tem uma base que permite entender de forma diferente a maneira como o mundo está organizado. Pode ser muito difícil entender o FMI tentando mudar a forma como ele opera. Mas se basear a discussão em questões epistemológicas inescapáveis, ninguém poderá tocá-lo.

Se eu levar este exemplo ao nível mais local, pode-se ter uma organização que perceba que precisa mudar suas políticas. E pode-se dizer, se essa política precisa mudar, seu(sua) atual presidente não pode estar nesse lugar. Pode-se pressionar a política, pressionar o presidente, e perguntar-lhe quanto tempo levará até que ele (ou ela) morra ou deixe o lugar, mas então o momento da história se torna importante. Se eu tomar novamente o exemplo do FMI e do Banco Mundial, epistemologicamente falando, não é importante saber que o Fundo é um Banco e o Banco é um Fundo; o importante é que ao se usar esse entendimento de economia se percebe que há liquidez e que há capital, e que em uma economia global eles têm que ter seus órgãos. Não é tão relevante que eu os chame de liquidez e capital. Estas são apenas palavras que descrevem categorias muito diferentes. Posso chamá-las de A e B. O importante é que elas não são a mesma coisa, não importa o nome.

Pois então pode-se perguntar: a liquidez é uma função bancária ou uma função de fundo? Para Keynes, a liquidez é uma função bancária e o capital é uma função de fundo. Ele pode estar errado, mas em sua mente ele está nomeando corretamente estas funções. No final, o nome tem que estar correto, porque já neste nível, é claro, se o nome estiver correto se tem uma explicação do mundo que é verdadeira em relação à realidade. Na mente de Keynes, a verdadeira função da liquidez é uma função bancária e a verdadeira função do capital é uma função de fundo. Se este for o caso, pode-se ver imediatamente a consequência da transposição invertida atual. Isso desorienta toda a humanidade. E isso é apenas um exemplo.

Um dos comentários epistemológicos mais importantes de Rudolf Steiner é que em um mundo onde não se pode ver as coisas, e a única maneira de vê-las é nomeando-as, onde pensamentos são coisas, é preciso ter cuidado com o que se pensa, como se nomeia as coisas.¹⁷

A próxima coisa é que se os nomes reais são Banco e Fundo, por que eles foram invertidos? Mas então não importa o porquê, o importante é reverter a situação. Tempestades cairão sobre quem fizer isso. Não apenas tempestades geopolíticas. Profissionais construíram sua reputação com base na ideia de que o FMI é um fundo, estudantes leram livros inteiros com esta ideia. Assim, começa-se a sentir pressão para não fazer esta inversão.

¹⁷ *A Educação Prática do Pensamento* (GA 108). Palestra proferida em 18 de janeiro de 1909, Karlsruhe, Alemanha.

Recentemente dei um seminário na Hungria para estudantes de uma escola de negócios em Budapeste.¹⁸ Enquanto eu falava, os alunos se aproximavam cada vez mais, vindo para a frente da sala. Cada vez que voltávamos do intervalo eles estavam ainda mais próximos de mim, e na terceira sessão o professor, que tinha ficado no fundo, fez um movimento com a mão cortando a própria cabeça: “Pare!” Encontra-se isto nas universidades. Em vários níveis, há antagonismo porque tais ideias perturbarão os estudantes. Professores dizem: “O que eu faço com essas perguntas quando você sair?”. Nesse mundo, esse é o tipo de experiência que se pode esperar ter. O importante é que o solo a partir do qual se cresce não esteja ligado à geopolítica. Se é dito que não existem três setores, é preciso ser capaz de demonstrar isso. E se alguém diz que o FMI é um banco e o Banco Mundial é um fundo, é preciso saber o que se está dizendo e as consequências para seus correspondentes se eles concordarem.

Neste sentido, com o trabalho de Rudolf Steiner e Keynes, começa-se a tomar o controle do ambiente conceitual e a gerar influências nele. Tudo o que eu disse até agora é epistemologia. Se formos mais longe no caminho que estou descrevendo, teremos que discutir os tópicos um de cada vez e quase um a um: “Como *you* entende o FMI?”. As coisas boas, as coisas ruins. Todos os países que são membros do FMI trabalham igualmente ou algum deles tem mais poder? O FMI é peripatético? Todas essas coisas.

A forma como nos relacionamos com estas coisas depende de como pensamos. A meu ver, com Steiner e Keynes, por causa de sua boa epistemologia, se pode usar seus pensamentos para nomear corretamente as coisas que não se pode ver, de modo que as políticas também estejam corretas, de acordo com a realidade. Em última análise, pode-se então criar instituições que estejam de acordo com estes pensamentos. Isto é importante porque a maioria das pessoas de hoje não consegue entender o mundo porque a maneira como veem o mundo é através das instituições de hoje e do comportamento a elas correspondente. Mas com pessoas como Rudolf Steiner e Maynard Keynes, por causa de sua epistemologia, por causa do que eles disseram, nos deram *insights*, ferramentas para a compreensão. O que Keynes poderia ter chamado de “músculos da intuição”.¹⁹

Se a epistemologia estiver correta, pode-se ver o que traz elementos falsos para o mundo e, por causa disso, começa-se a ter uma noção do que é verdade. Assim, se pode dar um passo adiante. *Prefere-se* o que é real e então mostra que já se está no e faz parte do mundo como ele “deveria” ser. Esta é a minha hipótese.

Pontos chave a nível conceitual

Com relação ao capital e à liquidez, deixe-me responder isso de uma forma particular. Uma das perguntas feitas foi: “Como o indivíduo se relaciona com o mundo econômico?”. Minha resposta a isso é sempre: “Analisando como a contabilidade é estruturada”, porque para mim a forma como a contabilidade é construída e organizada é um exemplo de como a macro organização combina com a micro organização. E então temos que dar um passo onde se tem que tentar trazer a lógica da contabilidade para seu próprio mundo. Vocês verão o que quero dizer através de um desenho do balanço patrimonial de um determinado indivíduo que é ativo na vida econômica. O que aconteceria no balanço patrimonial dele ou dela? Seria preciso quantificar quanto capital se precisa para fazer o que se quer. Quer se trate de uma padaria ou de uma grande corporação, é preciso ser capitalizado. Esse capital vem de fora e se transforma em dinheiro. Por exemplo, se você diz que precisa de um milhão para fazer o que quer, esse milhão chega na forma de capital, no meu entendimento como um fundo e vai direto para o caixa (em inglês dizemos,

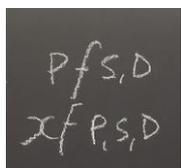


¹⁸ Universidade Corvinus.

¹⁹ A alusão é à palestra póstuma de Keynes na Royal Society de julho de 1946, *Newton, the Man*.

“cash at bank”) e agora você tem que decidir o que vai fazer com esse dinheiro. Para ser economicamente ativo, você precisa do Fundo deste lado e do Banco deste lado (para ser mais claro, teríamos que mudar a cor do desenho). O que quero dizer é que esta imagem já está nas contas dessa forma. Mas para experimentar o que estou falando é preciso ser ativo e conhecê-lo a partir de suas *próprias* contas. Este é um problema central: para entender a economia, você tem que vir a ela a partir de sua própria atividade.

Muitas das perguntas aqui não podem ser respondidas através de sua própria experiência, a menos que você comece a olhar para suas próprias contas. Por exemplo, se você quiser ser ativo como ser humano na vida econômica, você dirá a si mesmo que está conectado com o vasto mundo do capital, e parte dele é alocado a você. Você está conectado ao mundo da liquidez e uma parte dela está em sua conta bancária. Eu diria que, a menos que você esteja ativamente conectado à sua contabilidade, e compreenda questões econômicas através disso, não se terá uma linguagem que permita entender do que estou falando. Porque se eu lhe disser que você precisa de uma agência para perceber a liquidez na vida econômica, como você sabe o que estou dizendo? O que é este mundo da liquidez?



Um dos pontos interessantes de Steiner²⁰ é que a epistemologia que não é mais possível quando chega a economia mundial tem o seguinte aspecto: o preço (p) é uma função da oferta (o) e da demanda (d) ($p = f(o, d)$). No período de Adam Smith até o século XX, talvez se pudesse pensar assim (teoria do mercado), mas não desde a Primeira Guerra Mundial. Depois daquele ponto, a única epistemologia que pode funcionar é a que reconhece que, em uma economia global única, temos que lidar com o fato de que preço, oferta e demanda são variáveis independentes.

$P = f(O, D)$ Equação do comerciante

$O = f(P, D)$ Equação do consumidor

$D = f(O, P)$ Equação do produtor

dando origem a algo novo:

$X = f(O, D, P)$.

Para os economistas e para aqueles que nesta sala querem ser economistas, sem entender esta epistemologia não se pode entender a economia global. Uma taxa de juros única, por exemplo, não pode operar nas condições de um mundo único. E a teoria do equilíbrio não faz sentido nos mercados financeiros.

Rudolf Steiner disse isso em 1922; era óbvio para ele. Menciono a álgebra de Steiner porque, se alguém entra na vida econômica, a partir da sua *própria individualidade*, será capaz de entender esta epistemologia. Isso significa que em suas ações individuais se representará a economia global. Não será teórica a forma como se saberá do que eu estou falando e se entrará em uma relação de colega para colega com Rudolf Steiner, não sendo mais dependente dele. Tudo o que estou descrevendo é macro. Se todas as pessoas começarem a perceber sua vida econômica através de suas contabilidades, elas entrarão neste problema, e depois disso, em uma economia global.

Uma das perguntas era como relacionar “dinheiro de doação” com a ideia de balanço de pagamentos. De fato, isto é abordado em *Die Kernpunkte der sozialen Frage (Os Pontos Centrais da Questão Social)* quando, em 1919, Rudolf Steiner introduziu o tema da natureza trimembrada da vida social. Não como uma ideia de que o mundo se tornaria assim um dia, mas como uma realidade que se deve ser capaz de perceber. Ele então prossegue dizendo: “Como posso ver que o mundo está estruturado de maneira trimembrada, também posso ver três tipos de dinheiro –

²⁰ *Economia Viva – O Mundo Como Organismo Econômico Único (GA 340)*, Rudolf Steiner, op. cit., Palestra 8.

compra, empréstimo e doação.” Não três tipos de dinheiro que um dia estariam aqui, mas três tipos de dinheiro que será possível “ver” ao se abandonar o balanço de pagamentos. Não uma teoria, mas uma percepção que sentem ao remover suas próprias falsas percepções.

Ao se pensar em dinheiro em termos da natureza trimembrada da vida social, a questão é “como isso aparece *hoje* no Brasil?”. Não, “como será no futuro?”.

A ideia de três tipos de dinheiro já é conhecida no mundo. Mas agora temos um problema, se me permitirem colocar dessa forma, porque temos uma compreensão leiga sobre o que Steiner quis dizer. E porque esse entendimento é leigo e não tecnicamente acurado, procuramos soluções lá fora no mundo, quando na realidade elas deveriam ser procuradas na forma como nos comportamos.

Meu ponto é que é preciso começar no campo da contabilidade ligada aos três tipos de dinheiro – aplicando isso à própria atividade. Não poderemos fazer isso aqui hoje, mas quero deixar claro que esta é a única maneira de os seres humanos poderem se conectar com os problemas monetários do mundo.

Por exemplo, quando penso no Banco da Inglaterra, tenho sempre a imagem de correr através de um labirinto, meio perdido. Não procurando pelo Minotauro, mas por um lugar concreto onde não esteja mais perdido. Esse é o novo Minotauro. É preciso encontrar um lugar onde a vida volitiva do seu ego pare, reconheça seus limites. Esse é um lugar estranho no mundo financeiro de hoje. Porque nesse ponto todas as explicações que se tem sobre o mundo até ali não têm mais utilidade.

Então agora estou no labirinto usando o fio de Ariadne. E as pessoas estão um pouco confusas: “Do que ele está falando?”. Ele fala da organização arquetípica da contabilidade e que isso é irrefutável. Essa não é uma teoria que uma pessoa tenha elaborado. Por sorte, Rudolf Steiner nunca falou sobre isso, portanto, não se pode chegar lá graças a ele. É preciso chegar lá a partir de sua própria experiência. E então alguém do Banco Central diz: nós já sabíamos disso, nós simplesmente não pensávamos nesses termos. Nós chamamos isso de outra coisa. Então, agora vocês podem sair do labirinto das finanças modernas. O fio de Ariadne é a natureza trimembrada da contabilidade.

O Povo que Dança

É isso que eu quero fazer a seguir. Se olharmos para a situação do Brasil hoje, podemos atualizar o que estou dizendo para chegar ao centro do labirinto, que é um ponto universal na evolução moderna.

Nenhum país, nem mesmo a Inglaterra ou os EUA, pode se apropriar ou colocar uma marca comercial registrada na ideia de contabilidade. Não é uma propriedade intelectual que alguém possa possuir. A contabilidade é universal e funciona também no Brasil. O que é universal – neste caso, finanças, contabilidade – aparecerá com uma cor brasileira, naturalmente, dependendo se o Brasil estiver relacionado com agricultura, turismo, arte, etc. Em Brasília, quando estava pesquisando no banco central, aprendi que o Brasil tem a ver com “as pessoas que dançam”.

Vocês podem se perguntar por que eu disse isso. Como uma imagem, quando se chega ao ponto de ter uma economia global única e não várias economias, a identidade de um povo não pode estar ligada à vida econômica. É preciso ter a imagem de que para ter esta economia global única não pode haver uma economia brasileira. Pode haver ter um Brasil, uma Argentina, uma França, mas eles não têm uma economia. Todos os povos do mundo precisam encontrar suas identidades em outro lugar. Eles precisam ter alguma luz, algo com o qual possam se conectar e com o qual

possam conectar sua identidade. Essa é uma imagem que eu chamo de "Coro dos Povos".²¹ Quero dizer que quando se tem uma economia global única, se tem um círculo dos povos do mundo. Nos termos de Rudolf Steiner, as almas dos povos do mundo. Em seus termos, quando a economia global única emerge, temos que prover *institucionalmente* as almas dos povos para que elas possam dialogar umas com as outras.

Este é um assunto gigantesco, eu sei disso, mas estou introduzindo-o por razões muito específicas. Esta imagem foi bloqueada na história mundial por Theodore Roosevelt em Oslo, em 1910, em seu discurso adiado de aceite do Prêmio Nobel, e depois por Woodrow Wilson, que criou a Liga das Nações em 1920, em vez de um coro dos povos. A Liga das Nações nos impediu de ver as "almas dos povos do mundo". E então, se avançarmos um pouco mais... Eleanor Roosevelt, tem-se as Nações Unidas, o que também nos impede de ver as "almas dos povos". Mas se você esquecer a Liga das Nações e as Nações Unidas, pode-se imaginar em vez disso um mundo de almas dos povos, que podem então falar umas com as outras, só que não se identificam economicamente. Pensamos que isso não aconteceu ou não está acontecendo, mas foi e está perdido por trás das construções da Liga das Nações e das Nações Unidas.

Todo este episódio é movido pelo conceito de crescimento, crescimento, crescimento. E para onde isso nos levou? "Crescimento zero!" Isto é importante do ponto de vista de Rudolf Steiner: ele já dizia em 1922 que existem duas correntes de valor que resultam em preço:

O *valor 1* tem a ver com fabricação, ou seja, com o mundo do crescimento e da decadência. (Uma roda se desgasta.)

O *valor 2* tem a ver com inovação e desenvolvimento: crescimento, crescimento, crescimento. Crescimento *sem* decadência. (A ideia de uma roda nunca irá embora.)

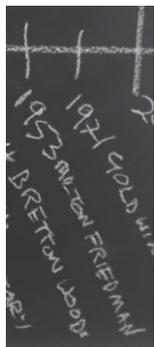
Do ponto de vista de Rudolf Steiner, você precisa ter os dois entendimentos e não apenas um. O mundo do crescimento e da decadência (que não significa crescimento zero) e o mundo do crescimento, crescimento, crescimento.

Você precisa de ambas – a economia do mundo finito da natureza e a economia das capacidades sempre crescentes. Se você não tiver ambas, se o mundo do crescimento perpétuo prevalecer por toda parte, por exemplo, resultará, em seus próprios termos, em crescimento zero. Essa é a essência da história econômica do século XX.

Digo isto porque sei que temos estudantes de economia na sala e tudo isso precisa ser repensado hoje em dia. Caso se volte aos fundamentos teóricos de tudo o que critiquei, toda a teoria do crescimento, crescimento, crescimento, se chega a pessoas como Milton Friedman. Em 1953, ele disse algo muito interessante. Em sua mente, não estamos em uma economia global única, mas em um mundo de várias economias, que competem para controlar a economia mundial. Tanto Steiner quanto Friedman estão cientes de uma economia global. A diferença é que, para Steiner, compartilharemos esta economia entre os povos do mundo, e para Friedman se pode capturar o máximo que puder desta economia global e torná-la sujeita aos seus próprios interesses. Mas todos sabem que existe apenas uma economia. Essa é a nossa base comum.

Neste ponto (no desenho a seguir), Friedman diz, como uma imagem, que dever-se-ia conduzir a política monetária de um país de acordo com um paradigma único, a fim de despolitizar a forma como entendemos a vida econômica. Isso significa que ter-se-ia que alcançar a independência do banco central – no Brasil tem a ver com a estabilização da moeda brasileira em 1994, com a introdução do Real. Friedman diz que temos que chegar a um acordo a partir do mesmo

²¹ Ver Finance at the Threshold – Rethinking the real and financial economies, Christopher Houghton Budd. Gower 2011.



entendimento. Isso não significa que se force isso em um país como o Brasil, embora no mundo de hoje, caso não se concorde, os mercados o “punirão”. Friedman diz isto porque no momento em que aceitássemos o mesmo paradigma, o mundo monetário se tornaria indiferenciado. Inflação zero, em toda parte, tornando os mercados de câmbio sem sentido e, portanto, colapsando qualquer coisa dependente da exploração da taxa de câmbio. Neste ponto, a única maneira de o mundo avançar é através de uma política monetária constante em todo o mundo, mas que siga “a luz” de cada país.

Qual é a luz de um país? Em um mundo que se torna estável, não haverá distinção monetária entre Brasil e Israel, Israel e Rússia. Cada país terá que identificar e seguir sua própria luz, e não mendigar ou ser mendigado por seus vizinhos.

Então, por que eu digo que o Brasil é o país das pessoas que dançam? Esta expressão surgiu quando eu estava em Brasília em uma discussão interessante com alguém do Banco Central. Estávamos discutindo por que o Brasil não se comportava como a Argentina. Meu interlocutor²² me disse que se olharmos a forma como a Argentina conduz sua política monetária, vemos que eles ligam sua moeda ao dólar, tornando-se dependentes da luz de outra pessoa. Os brasileiros nunca fariam isso. Eles são pessoas independentes. Isso foi o que ele disse. Portanto, quando falo de dança – pode significar samba, seja o que for – quando os brasileiros deixarem o labirinto, minha imagem é que eles vão fazer isso dançando.²³

Este é um pensamento muito estranho porque no mundo da contabilidade formal, no qual não deveria haver poesia, e na economia, onde a poesia é sempre eliminada, seguimos um caminho sem poesia até chegarmos a uma parede de tijolos, e depois usamos a poesia. Estou falando dos mundos muito precisos das finanças e da contabilidade, do mercado de bens, da independência do banco central – mas ali mesmo os profissionais começam a falar em poesia: “Siga sua própria luz”. Quando digo que os brasileiros são pessoas que dançam, não tenho ideia do que quero dizer (vocês é que precisam dizer isso para que tenha sentido), mas começa a fazer sentido quando digo que Londres é o lugar da liquidez, porque através do reconhecimento da minha própria luz, reconheço a ideia de um país possuindo uma luz. E assim posso começar a perguntar, quais são as luzes de outros países além do meu? Quando os ingleses começarem a entender que, nesse sentido, seu papel é ser o centro da liquidez global, fará sentido pensar nos brasileiros como o povo que dança.

Estou tentando dizer algo estranho, pelo menos em meu julgamento. Minha experiência é que isto é autobiográfico para nós hoje. Para entender o que o Brasil traz para o mundo, os ingleses precisam entender aquilo que eu acho que Keynes entendeu. Estou falando particularmente da Cidade de Londres, que é o centro da liquidez global. Isto é o que os ingleses trazem para a economia global. Mas isso não lhes pertence. A liquidez é, ou deveria ser, um instrumento de percepção econômica, não uma ferramenta de dominação econômica fantasiada de ciência financeira exótica.

Em tudo isso, estamos tentando compreender mundos invisíveis que têm consequências socioeconômicas macro. Estou levando-os a um lugar onde os ingleses normalmente gostariam de levá-los – o mundo de liquidez que eles controlam. Mas também estou tentando trazer uma imagem interior do que eu acho que Keynes tinha no fundo de sua mente. Para ele, havia chegado a hora de os britânicos desistirem do controle de liquidez, mas isso não significa que Londres não seja mais o centro da liquidez. Há aqui uma alquimia impressionante. A Inglaterra não pode desistir da liquidez global, mas o Brasil, neste caso, mostra aos ingleses o que significa dançar.

²² Sr. Gustavo Bussinger, à época (1999) economista sênior no Banco Central do Brasil em Brasília.

²³ A imagem propriamente dita veio de um banqueiro comercial em São Paulo.

English com “e” minúsculo

Antes do almoço, vários tópicos foram abordados e o que foi interessante para mim é que quando vocês brasileiros falavam, falavam muito sobre a China e em uma linguagem que pertence à teoria econômica anglo-saxônica. Eu ainda não sei o que o Brasil pensa! Eu sei o que lhe ensinaram a pensar. Isto para mim é uma experiência normal, que acontece ao redor do mundo. A forma como as pessoas tendem a entender a economia é através da linguagem anglo-saxônica e da mentalidade correspondente. Este é o problema que temos que resolver.

Mencionei isto quando toquei na missão de Keynes: Como os ingleses precisam ser separados do inglês²⁴. Falando com colegas ingleses, eu pergunto: Podemos soletrar “inglês” (English) com um “i” (“e”) minúsculo? Isto é importante porque tem a ver com o que Steiner chama de *alma da consciência* e há um problema específico que tem a ver com a alma da consciência.²⁵ Em todos os povos, com exceção do povo inglês, isto não tem *nada* a ver com a vida econômica, mas a essência fundamental da alma da consciência no inglês tem a ver *apenas* com a vida econômica, no sentido de que o papel global dos ingleses é trazer a evolução da humanidade para uma relação próxima com o materialismo e assim permear o mundo com esta compreensão, de tal forma que todas as culturas antigas devem então desaparecer em face dela.²⁶ Renascer do futuro e não do passado, mas também de si mesmos, não mais a nosso bel-prazer. Aqui encontramos um problema: para fazer isto, para que a humanidade passe por esta etapa, precisamos de uma linguagem universal, ou seja, uma linguagem que ninguém possa capturar. Todas as culturas antigas, inclusive a inglesa, têm então que morrer nessa linguagem. É assim que a humanidade cruza o limiar em conjunto, mas de forma consciente. (Ao contrário de até agora, quando o estamos fazendo separadamente, por assim dizer, e sem uma consciência disso.)²⁷

Uma parte específica deste problema é o que chamamos de “economia” quando a entendemos como uma ciência universal. A economia moderna foi projetada com muito cuidado para se parecer com uma ciência, mas não é. É uma forma de política externa. Portanto, é um problema que precisamos resolver, porque tudo o que vocês dizem sobre a vida econômica foi trazido até vocês pelos anglo-saxões. Vocês têm que dar outro passo, que é diferenciar o que é universal do que é anglo-saxão. Vou tentar identificar este problema e depois resolvê-lo.

Vocês verão muitas imagens de coisas às quais sou contrário. Por exemplo, a China. Não vou falar sobre a China em profundidade, mas lá você tem que ter cuidado. Vocês estão falando do que eu chamo de “verdadeira China”, que é difícil de perceber? Ela nunca revela seus segredos. Ou vocês estão falando da China através da qual o Ocidente passa seus dólares excedentes? Esta não é a China. São as partes da China que são liberadas para absorver o excesso de dinheiro que tem que ser investido e continuar viajando pelo mundo a fim de manter sua existência.

Ao se olhar para a história econômica do século XX, há um exemplo que Rudolf Steiner usa e que mostra o que estou dizendo: considera-se todas as culturas, as atitudes da alma que foram encontradas no Japão, por exemplo, e então passa-se sua moeda pelo país e ele se torna uma indústria de fotocópias, ou eles produzem carros ou pianos Yamaha. Habilidades que são essencialmente japonesas – a caligrafia, por exemplo – passam a ser utilizadas pela moeda

²⁴ No original “*How the English need to be separated from the English*”.

²⁵ Para Steiner, a consciência evolui através de diferentes estágios, ou até mesmo estados de ânimo. A Alma da Consciência marca o período atual, começando com a Renascença, quando a humanidade desenvolve um forte senso de autoconsciência, de início às custas do mundo, mas levando com o tempo a uma relação mais consciente e responsável.

²⁶ O fato de o inglês ter se tornado uma língua mundial está relacionado a isto.

²⁷ Um dos *insights* mais valiosos de Rudolf Steiner é que, como ele disse, toda a humanidade ultrapassou um limiar, a partir de 1844, mas o fez sem se dar conta e sem um vocabulário que se encaixe e assim explique as experiências que pertencem a esta circunstância.

ocidental, neste caso para criar uma economia de replicação, copiando. Portanto, a economia do Japão, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, não é a economia do Japão. É a economia ocidental que faz uso do povo japonês. Este é apenas um exemplo.

Da mesma forma, pode-se olhar para a Índia – quais de suas qualidades de alma se convertem em engenharia de *software*? A Índia está sendo usada; monetizada, por assim dizer. A incrível inteligência, que é natural nos indianos, é aproveitada para criar *software*, não para desenvolver a cultura futura da Índia. Tal excesso de capital acabará por esgotar a Índia, como já fez com a China, e depois seguirá, talvez para o Brasil como o próximo “mercado emergente”. Mas qual é o futuro do Brasil no sentido real, em comparação com tais cascatas de dinheiro? Não é justo chamar o Brasil de um mercado emergente; isso só significa ser o próximo atracadouro para manter o jogo em andamento.

Não se trata aqui de almas de povos emergentes, “luzes” independentes e como financiá-las. Poderia ser, mas não é. Na realidade, é a forma como o povo da Inglaterra, não importa se de forma benigna ou ignorante, capta um elemento universal para si mesmo, usando as finanças e a economia “científica” como cúmplices. Não importa aonde se vá pelo mundo, esta é a economia que lhe será ensinada. Portanto, mesmo que se vá estudar em uma universidade marxista, vai-se estudar economia ocidental. Pode haver uma discussão sobre quem deveria receber o lucro, mas ninguém vai discutir o paradigma.

Estou fazendo uma afirmação forte. Estou falando da necessidade de realizar uma mudança na forma como ensinamos economia. Um dos maiores desafios que temos no contexto da economia global é exatamente este problema.

Parte do que podemos chamar de “Nova Economia”, já que alguém usou esse termo hoje, é a série de palestras que Rudolf Steiner deu sobre economia.²⁸ Mas há pelo menos quatro outros reivindicadores para este título:

- o grupo em Cambridge no início do século XX.
- a *New Economics Foundation* em Londres, que lida com a economia alternativa, mas que não é realmente alternativa.
- a “Nova Economia” do presidente Clinton quando ele era presidente.
- a nova economia de mercado de capitais.

Mas nenhum destes quatro realmente toca o paradigma. Caso se queira mudar o paradigma econômico, é preciso fazer algo parecido com a “teoria do centésimo macaco²⁹”, ou seja, que causalidade e a epistemologia relacionada surjam “em todo o lugar”.³⁰ Pode vir de qualquer lugar;

²⁸ *Economia Viva – O Mundo Como Organismo Econômico Único (GA 340)*, Rudolf Steiner, op. cit.,

²⁹ Nota dos tradutores. Referência às hipóteses de aprendizado via ressonância mórfica levantadas por Lyall Watson (*Lifetime*, 1979) e Rupert Sheldrake (*A New Science of Life*, 1981) partir do comportamento de grupos de macacos nas ilhas de Koshima no Japão observado pelos primatologistas Kinji Imanishi, Kawai Masao e Syunzo Kawamura documentado em 4 artigos publicados em 1963.

³⁰ Esta expressão é um aceno à ideia, frequentemente apresentada em economia alternativa, de que um novo comportamento ou ideia é rapidamente difundido por meios inexplicáveis de um grupo para todos os grupos relacionados, uma vez que um número crítico de membros de um grupo exibe o novo comportamento ou reconhece a nova ideia. Se isto acontece da maneira que se supõe que aconteça entre os macacos, pode-se (e deve-se) debater. Na realidade, é provavelmente como agarrar-se à palha (*to grasp at straws*), uma tentativa de explicar o que o pensamento baseado nos sentidos não pode explicar. Mas a economia ainda não conseguiu delinear sua própria terminologia, então neste caso, ela vai da lógica linear da mecânica e da física para um processo imaginado, mas não facilmente comprovado. Tecnicamente, porém, é uma questão de economistas aprendendo a pensar com múltiplas variáveis independentes, e não com duas variáveis ou causas independentes que dão origem a uma terceira variável ou efeito dependente. Um exemplo primário disto é encontrado nas finanças modernas no problema da atribuição ou do trilema da

e talvez nem tanto. Não há preços “dados” de fora em finanças; eles são o resultado de expectativas, suposições, apostas, incerteza institucionalizada. O pensamento e o comportamento têm que ser reflexivos. E pensamentos são coisas; coisas são pensamentos.

Estou tentando descrever um fenômeno nos mercados financeiros. Não importa onde este campo é tocado, se não estiver claro, de repente ele pode se tornar. Não sei como descrever melhor este fenômeno neste momento, mas isso significa que se pode começar com pensamentos claros, um pensar claro (como estou tentando fazer aqui) e o que se descreve inicialmente teoricamente pode ser seguido pelos políticos. Eles começam a descrever políticas que são verdadeiras para a vida econômica. Em sua forma mais grosseira, é isto que significa persuadir um mercado (*talking up a market*).

Repensando o empreendedorismo

Aproxime-se do que é o verdadeiro empreendedor. Não se trata de alguém que faz fortuna aos 40 anos, se aposenta e vai jogar golfe. Portanto, tenha cuidado com os cursos de empreendedorismo que existem por aí. Eles lhe ensinarão como extrair dinheiro até chegar aos 40 anos e como fazer com que o próximo idiota compre seu negócio acreditando que ele tem valor.

O verdadeiro empreendedorismo não é ficar rico o mais rápido possível investindo no mercado e depois sair para jogar golfe! Isto não é ser um empreendedor, na minha opinião. Para mim, um empreendedor é alguém que empreende seu destino. Em princípio, todos. Isto significa que ele ou ela vem à Terra para fazer uma contribuição à humanidade. Isto está oculto por detrás da biografia de cada pessoa. Ninguém chega à Terra sem uma razão. Vista de fora, esta razão pode ser muito trivial ou não importante. Ou uma vida despendida em repouso.³¹

Cuidado ao pensar que o empreendedorismo é celebridade; geralmente é algo bastante despercebido. Na língua inglesa, “*entrepreneur*” é uma palavra que vem do francês, que significa assumir responsabilidade sobre algo, sobre o quê? É o “Eu” (*self*) que empreende seu destino. Mas o “Eu” não pode empreender seu destino em abstrato. Ele precisa de financiamento. A liquidez que eu preciso para ser ativo é um apelo à liquidez do mundo. O capital de que preciso para ser ativo está apenas garantindo a mim mesmo que “minha” parte do capital do mundo passe pela minha biografia. Se levamos isto a sério, podemos construir uma compreensão diferente da economia. Se eu quiser desenvolver meu destino, preciso servir à humanidade. Este é o segredo profundo por trás da divisão do trabalho. Em princípio, a divisão do trabalho significa que cada um deve identificar sua própria contribuição dentro de toda a família humana. A família que ele ou ela vai servir.

Como isso funciona na prática? Aqui eu farei declarações que não terei tempo de justificar. Se entendermos o empresário como uma alma encarnada, é importante que este Eu encontre limites. Neste sentido, a internet é um grande problema se ela remove fronteiras antes que eu mesmo esteja pronto, disposto e capaz de fazer algo. Isso tem o efeito de impedir que o Eu encontre consigo mesmo, e isso se torna um problema sério.

No mundo, se pode encontrar escondido nas finanças um tipo de dualidade. Já abordei o assunto hoje. Ela se esconde por detrás de “crescimento e decadência” em comparação com “crescimento, crescimento, crescimento”. Eu poderia dar outros exemplos de dois tipos de lógica que se

economia aberta, que diz que os países não podem manter simultaneamente políticas monetárias independentes, taxas de câmbio fixas e abertura de suas contas de capital. Eles têm que escolher dois dos três, o que lhes dará então o terceiro. O mesmo problema é identificado por Rudolf Steiner mais de uma vez em seu curso de economia, quando ele critica a teoria de que a oferta e a demanda determinam o preço e o pensamento econômico Smithiano em geral.

³¹ Muito do que é dito aqui pode ser lido como se fora emprestado das três palestras proferidas por Rudolf Steiner em Oxford em agosto de 1922 (GA 305) apesar de não ter sido o caso.

encontram no mundo. A epistemologia básica do ser humano moderno e da alma da consciência é que ela aprende a dividir o mundo em dois, a fim de se tornar responsável pelo mundo. Ela tem que entender estes dois reinos muito diferentes. A natureza de um domínio não é a natureza do outro (ver desenho).



Quando percebo através de minha epistemologia que o mundo tem estes dois reinos com naturezas diferentes, lógicas diferentes, então preciso deixar que cada lógica encontre seu lugar. Preciso compreender o mundo físico de crescimento e decadência, isto me levará à lógica dos bens e dos negócios. Os bens e aos negócios estão sujeitos ao crescimento e à decadência. Se eu for para o mundo do crescimento sem fim, então eu só preciso perceber que o crescimento, crescimento, crescimento é uma realidade para o mundo das capacidades tal qual representado pelos mercados de capitais. Portanto, parte do problema com o exemplo que estou usando é compreender que o mundo dos bens e o mundo do capital não estão conectados. Se eles se tornam conectados, é porque eu entro em ambos. Se entendermos isso e se formos coerentes com suas expressões históricas externas e internas, podemos deter a captura da vida econômica pelos anglo-saxões. Chegaremos a uma compreensão da economia que é verdadeiramente universal, mas que não é capturada pelos anglo-saxões. Esse é o desafio da epistemologia econômica moderna; na evolução como um todo, não podemos nos tornar livres, independentes e responsáveis a não ser dividindo o mundo primeiro em dois. A economia e a contabilidade conhecem este “segredo”.

Construímos a consciência matando o mundo e depois recriando esse mundo “corretamente”. Em *Os Enigmas da Alma (The Riddles of the Soul)*³² Steiner descreve como o ser humano pode experimentar quando o mundo invade uma pessoa e quando alguém se estende além de si mesmo para o mundo. E através destas duas experiências, sabendo quando se está sendo invadido e sabendo quando se estende além de si mesmo, sabe-se que se existe. Mas o Eu (*self*) não pode ver a si mesmo, assim como o olho não pode ver a si mesmo. O Eu (*self*) só pode ser visto através da intenção e do efeito. O Eu (*self*) sabe que quando uma ação não se torna efetiva, então ele não estava presente. Portanto, tenta-se novamente. E novamente. E mais uma vez. Isto é o ponto onde a epistemologia, também se torna ontologia, onde pensamento e ato não estão separados. Quero fazer um modelo a partir disso na economia moderna.



No caso de Keynes, em *A Tract on Monetary (Reform Um Tratado sobre a Reforma Monetária)* – trarei aqui uma imagem minha – ele diz que temos que distinguir a função industrial da financeira; bens da poupança. Se pudermos fazer esta distinção, então não precisaremos mais do padrão-ouro. A certeza externa é substituída pela certeza do pensamento consciente. É apenas um exemplo, mas um exemplo que muda o mundo. Somente fazendo a diferença entre o mundo dos bens e o mundo do capital poderemos sair de nossa dependência do ouro, que ainda é o problema

global. Durante a crise financeira global, o valor do ouro continua subindo. Só sairemos desta crise quando o valor do ouro permanecer estável.

Poucos de vocês nesta sala estão em posição de poder para fazer algo a respeito, a menos que possam se relacionar com exemplos rarefeitos de política monetária. você pode tocar o mesmo fenômeno através da contabilidade. Eu mostrei a divisão dupla do mundo. Na contabilidade, isto é, receitas menos despesas, o que dá um resultado. O balanço patrimonial, o ativo menos o passivo exigível é igual ao capital próprio. Este é o caso para todos os lugares do mundo, incluindo o Brasil:

³² *Riddles of the Soul*, Rudolf Steiner. Mercury Press, Spring Valley, Nova York, 1919. (GA 21)

$$A = P + CP \quad \text{ou} \quad A - P = CP$$

No lado das receitas e despesas, no final do ano, isto é zerado. A diferença, seja positiva ou negativa, é transferida para o balanço patrimonial no lado do capital (patrimônio líquido). No final do ano, a conta de resultado (DRE) é compensada, zerada. Ou se aumenta seu capital ou o reduz através de suas contas de receitas.

Na estrutura da contabilidade, a arquitetura financeira global já existe, mas vamos mais fundo. A contabilidade é a ferramenta quintessencial para a superação do egoísmo. Mas temos que ser cuidadosos. Rudolf Steiner é extremamente firme neste ponto. Ele fala de um ponto de vista econômico e ético. O egoísmo tem que ser removido, da raiz aos ramos. Ele usa uma imagem muito forte, mas ele fala de um ponto de vista econômico e ético. Portanto, temos que ter cuidado para não nos opormos ao egoísmo. Isto significa que meu limitado egoísmo precisa ser estendido, não para seu próprio bem, mas para o bem da humanidade como um todo.

Por exemplo, se eu for médico, com certeza vou ajudar o paciente que chega ao consultório, mas quero dizer algo que vai além disso. Quero dizer que estou realmente na presença da humanidade quando eu faço o que quero fazer. Por exemplo, eu quero construir um hospital. Para isso, eu preciso de muito capital.

Depois vou à vida econômica, financeiramente nu, por assim dizer, não trago nada, exceto minha iniciativa. Mas então a humanidade precisa me trazer a capacidade de levá-la adiante. Eu preciso ser vestido, “investido em”. Um paciente em necessidade, sim, mas também o capital.

Quando pago um secretário ou uma secretária, estou apreciando o que ele ou ela fez. Mas também estou reconhecendo meu parceiro cármico, a pessoa a quem vou entregar meu serviço ou produto. Pode-se chamar essa pessoa de cliente, por exemplo, e em um mundo abstrato e desconectado, ter-se-ia que fazer muita propaganda para se conectar com essa pessoa, para que essa pessoa possa encontrá-lo em um mundo cármico desorientado. Mas ele ou ela ainda é um parceiro cármico, alguém que você se encontrar, por mais ao acaso que a reunião ocorra.

Uma venda é sempre um evento cármico instantâneo, não tem passado e não tem futuro. O carma ligado à capitalização é o oposto do momento instantâneo. Isto criará uma ponte do passado para o futuro. Estou colocando isso de um jeito um pouco estranho, porque as palavras são difíceis de encontrar. Mas mais importante, nada disto contradiz as técnicas de contabilidade ou a lógica dos mercados financeiros globais. Não estou dizendo absolutamente “não” à teoria do mercado; mas estou dizendo que ela não é mais real do que a teoria cármica. Até porque, ela deve sua verdade a isto.

A única coisa que é arquetípica neste mundo, verdadeiramente universal – estou falando da economia do mundo – é esta estrutura arquetípica da contabilidade. Isto nos leva a todos a uma espécie de “terra de ninguém”, aos limites de nossa auto experiência. Isto também cria um limiar que toda a humanidade, incluindo os anglo-saxões, deve – e pode – atravessar.

Do outro lado desse limiar, o fato das almas dos povos se torna evidente. Espero que de alguma forma no Brasil, através destas experiências, se desenvolva alguma compreensão disto, de modo que em algum lugar do Brasil, a partir de seu próprio pensamento e comportamento, isto é, a partir de sua própria vida consciente, pode-se escapar da dominação anglo-saxônica.

Obrigado por terem vindo.

æBookstore Brasil